

O AUTOCONCEITO DE HOMENS GAYS NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Ariadne Nascimento
Bárbara Bianchini
Rita Flores Müller

(UNISUAM - Centro Universitário Augusto Motta – Rio de Janeiro)

Resumo

O objetivo da presente pesquisa foi analisar a percepção que homens gays tem de si nas relações sociais e afetivas no município do Rio de Janeiro. Tendo a cidade como analisador do processo de perceber-se, significar-se e ver-se em relação a situações vivenciadas em seu ambiente social, analisamos a forma que se percebem no trânsito pela cidade, além de identificar as formas de violências vividas e percebidas por estes a partir de suas relações familiares, de amizades, sociais. A pesquisa de cunho qualitativo utilizou a técnica de entrevistas semiestruturadas, com 10 participantes de 18 a 25 anos. As principais categorias analisadas para discutir a percepção que homens gays têm de si nas relações sociais e afetivas no município do Rio de Janeiro foram: família, amigos, religião, a cidade do Rio de Janeiro e seus *mapas* (bairros, regiões, territórios LGBTT ou não), a figura do gay/ homossexual, preconceitos. A análise das entrevistas indicou caminhos possíveis no campo de pesquisa em questão que possam contribuir com a produção nacional. Foram elas: A forma como os jovens homossexuais se expressa em vários lugares da cidade do Rio de Janeiro, dando voz às suas opiniões, refletindo a maneira como a sociedade machista influência e interfere na construção da auto-imagem do homem homossexual.

Palavras-chave: Homossexualidade; Percepção; Sociedade; Autoconceito.

Abstract

The Self-Concern of Gay Men in the Municipality of Rio de Janeiro

The objective of the present research was to analyze the perception gay men have of themselves on social and affective relations in the city of Rio de Janeiro. Taking the city as an analyzer of this process of perceiving, meaning and seeing in relation to situations experienced in their social environment, we analyze the way traffic is perceived in the city, as well as identify the forms of violence experienced and perceived by These from their family relationships, from friendships, social. The qualitative research used the technique of semi-structured interviews, with 10 participants from 18 to 25 years. The main categories analyzed to discuss the perception that gay men have of themselves in social and affective relations on social and affective relations in the city of Rio de Janeiro were: family, friends, religion, the city of Rio de Janeiro and their location (neighborhoods, regions, LGBTT territories or not), the figure of the gay / homosexual, prejudices. chauvinism. The analysis of interviews indicated possible paths in the field of research in question that could contribute to the

national production. They were: The way in which young homosexuals express themselves in various places in the city of Rio de Janeiro, giving voice to their opinions, reflecting the way in which male society influences and interferes in the construction of the self image of the homosexual man.

Key-words: Homosexuality; Perception; Society; Self-concept

1. Introdução

O presente artigo é fruto de pesquisa de conclusão de curso de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Augusto Motta. De abordagem qualitativa, a pesquisa teve como objetivo investigar a forma com que homens gays se percebem e enunciam seu autoconceito tendo como um dos analisadores (Foucault, 1996) o município do Rio de Janeiro em que vivem, considerando-se seu trânsito pela cidade e a identificação de ambientes heteronormativos e/ou homossexuais na vivência da sexualidade na cidade territorializada. De cunho qualitativo, foram realizadas 10 entrevistas semiestruturadas com homens de 18 a 25 anos residentes no Rio de Janeiro, conforme detalhado adiante.

Na Grécia Antiga como Atenas e Esparta, era comuns pais entregarem seus filhos por volta dos 12 anos a homens mais velhos para que estes os educassem e os iniciassem na arte da sedução, sendo que nessa época, este não era visto como atos homossexuais e sim uma forma de

aprendizagem para esses adolescentes até a chegada de sua fase adulta (Dover, 1994). Há relatos também, de grandes nomes da nossa história que se relacionavam com indivíduos do mesmo sexo já que nessa época era normal homens mais velhos se relacionarem com homens mais jovens (sendo dessas relações que surge o termo pederasta – relacionamento erótico entre homens mais velhos e mais novos) como Sócrates, Alexandre o grande ou Júlio César.

No ano de 1920 a partir de indagações a respeito de como surgem os indivíduos homossexuais, Freud partindo de sua definição de complexo de Édipo alega que

Não compete à psicanálise solucionar o problema do homossexualismo. Ela deve contentar-se com revelar os mecanismos psíquicos que culminaram na determinação da escolha de objeto, e remontar os caminhos que levam deles até as disposições pulsionais. (Freud, 1976/1920, p.211).

Em relação a questões da

patologização do indivíduo homossexual.

Em 1952, a Associação Americana de Psiquiatria publicou, em seu primeiro Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais que a homossexualidade era uma desordem, o que fez com que a opção sexual fosse estudada por cientistas, que acabaram falhando por diversas vezes ao tentarem comprovar que a homossexualidade era, cientificamente, um distúrbio mental.

No Brasil, o termo homossexualidade foi utilizado pela primeira vez em 1894 no livro: “Atentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual” - Francisco José Viveiros de Castro. (Green, 2000)

Em 1999, a Associação Brasileira de Psicologia estabeleceu regras para a atuação dos psicólogos em relação às questões de orientação sexual, declarando que “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão” e que os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e/ou cura da homossexualidade. (CFP, 1999).

A sexualidade humana manifesta-se através de padrões culturais historicamente construídos e determinados, sendo que a sociedade se incumbem de reforçá-los. Ao longo da nossa história, a sexualidade pôde ser vivida por culturas e períodos de abertura sexual, intercalados por outros

momentos de recato e de privações sexuais (Foucault, 1984).

Vemos que a homossexualidade é compreendida sobre diferentes pontos de vista e abordagens teóricas estando sobre grande influência dos processos históricos e socioculturais. Para além de uma compreensão individualizada do fenômeno procuramos entender esse enfoque sociocultural a partir da interação com indivíduos que vivem diariamente nessa situação perante a sociedade.

A Psicologia social e a cognitiva reforçaram o estudo sobre o autoconceito na segunda metade no séc. XX ressaltando a importância das condições ambientais, como a vivência em grupos familiares na formação do autoconceito. Já a Psicologia cognitiva passou a considerar o self como um esquema hierárquico de valores, permitindo ao sujeito organizar informações a respeito de si e modificando esse esquema de acordo com suas experiências. Shavelson, Hubner e Stanton (1976 citado por, Goñi & Fernández, 2009) definem o autoconceito como “a percepção que uma pessoa tem de si mesma, que se forma a partir das experiências e relações com o meio, em que desempenham um importante papel tanto os reforços ambientais como os outros significativos”.

O autoconceito, definido de forma simples, é a percepção que o indivíduo tem de si próprio e o conceito, formado a partir

disso, tem de si. Crano e Crano (1984) relatam em uma revisão de literatura, o papel importante do autoconceito no desenvolvimento cognitivo, social e acadêmico do indivíduo. Pressupõe-se que a sociedade contemporânea é um fator que altera o autoconceito do homossexual, uma vez que a autopercepção que alguém tem de si mesmo, se faz a partir das experiências e relações com o meio em que vive. (Shavelson, Hubner & Stanton 1976)

Diante de uma sociedade onde cada vez mais o tema homossexualidade se evidencia em pautas de discussões, se torna de extrema importância estudar esses fenômenos e de que forma a sociedade tem agido sobre a construção do autoconceito e autoimagem que o homossexual tem de si. Tornando relevante estudar como se percebem em diferentes ambientes e de que forma isso opera na construção da subjetividade.

2. Metodologia

A pesquisa foi de cunho qualitativo. Uma pesquisa qualitativa é traduzida por não ser mensurável, pois a realidade e o sujeito são elementos indissociáveis. Assim sendo, quando se trata do sujeito, levam-se em consideração seus traços subjetivos e suas particularidades. Tais pormenores não podem ser traduzidos em números quantificáveis. Godoy (1995, p.

62) descreve características fundamentais que deve constar em uma pesquisa qualitativa que são: o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; o caráter descritivo; o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador; enfoque indutivo.

A pesquisa de cunho qualitativo teve como procedimento metodológico a análise de conteúdo de interpretação. Sobre esse procedimento, Minayo (2010) diz que, *é procurado ir além do material. Chega-se a uma interpretação quando é conseguido realizar uma síntese entre: as questões da pesquisa: os resultados obtidos a partir da análise do material coletado, as inferências realizadas e a perspectiva teórica adotada.* Para tal, serão utilizados caminhos para realização da interpretação, que segundo Minayo (2010) são a leitura compreensiva do material selecionado, a exploração do material e a elaboração da síntese interpretativa.

Como instrumento, a entrevista semi-estruturada possui um conjunto de questões predefinidas, mas também, de forma flexível, mantém a liberdade para adição de outras, caso haja interesse no decorrer da mesma. Ela propicia a busca de dados onde o fato realmente acontece, ou seja, em seu ambiente natural. Minayo (2010) afirma que a entrevista é a estratégia mais

usada no processo de trabalho de campo. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, sendo abordado pelo entrevistador, podendo, como fonte de informação, nos fornecer dados secundários e primários. Conforme descreve Minayo (2010), o método qualitativo pode ser definido como:

[...] é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. Embora já tenham sido usadas para estudos de aglomerados de grandes dimensões (IBGE, 1976; Parga Nina e outros 1985), as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos. (Minayo, 2010, p. 57).

3. Análise dos resultados

3.1. Família.

Nesta seção, a categoria família será abordada a partir das formas como

recorre no discurso dos entrevistados, a saber: como instituição mantenedora das regras, de normas, da moral e dos bons costumes. Como repressora, opressora, causadora de medo diante dos entrevistados, principalmente diante do fato de assumir-se ou não gays. Em contrapartida, após conturbações a família também aparece como *locus* importante para busca de aceitação e acolhimento.

Castilho (2009 citado por Silva e outros, 2015) Caracteriza a família como um sistema complexo de relações, onde os membros da mesma pertencem a um mesmo contexto biopsicossocial. E é na família que se reconhecem as diferenças e se dá a aprendizagem da união e da separação, as primeiras relações afetivas e emocionais e propiciando assim a construção da noção de identidade do sujeito.

O medo da negativa, da não aceitação vem também do território desconhecido, do receio em não contar por não saber o que esperar, porém ao assumir-se recebe-se uma reação menos excludente do que o esperado, ou então os episódios de conflitos passam a ser superados com o tempo e a aceitação. Muito se estereotipa acerca do que seria “ser gay” e quando a família se depara com uma realidade diferente da estereotipada pela sociedade, onde o modelo de família tradicional é o esperado. Quando uma família gera um

menino, se cria diversas expectativas a cerca do futuro dessa criança, como crescerá, que profissão escolherá, quais hobbies irá ter. E toda essa ação se dá desde o momento do nascimento, onde a cor azul é predominante no ambiente do bebê, onde brinquedos como, espadas, carros, bonecos de super heróis e lego são dispostos ao menino para incentivá-lo a seguir por um caminho diferente do que se oferecem as meninas, que recebem brinquedos que remetem ao cuidado da casa e da família. Segundo Cerveny e Berthoud (2011) há padrões de repetição em toda família. E de certa forma, muitos pais desejam ver semelhanças em seus filhos, e parte disso está na escolha de parceiro. O esperado pelas famílias é o que a norma dita, nesse caso se espera que uma família crie um homem, heterossexual, másculo e mantenedor dos bons costumes e que passe a diante o nome da família. O individuo se depara com a quebra de expectativa de seus progenitores e isso propicia o medo da revelação de sua sexualidade.

Porém, receio e estranhamento dão lugar a aceitação e acolhimento. Há aqueles que não encontraram coragem de se assumir por receio da aceitação que viria. Cabe ressaltar ainda que o conceito de família permeia não somente o campo emocional dos entrevistados, mas também encontra-se bastante atrelado à religião e às

regras normatizadoras, conforme categoria específica dedicada à análise dessa relação.

3.1.1. A família como instituição mantenedora das regras, de normas, da moral e dos bons costumes.

No conjunto das entrevistas realizadas, quando questionados sobre serem assumidos ou não para seus familiares, alguns entrevistados marcaram a relação com a família e o “assumir-se” gay justamente pela instituição mantenedora de regras. Alguns dos entrevistados relatam a visão que tem de suas famílias.

- Então. Eu me assumi diante do meu meio social e dos meus amigos só. Pois a minha família, é uma família de militares, então é uma galera que, querendo ou não é intolerante. Eles acham que o homem é o braço forte e a mão amiga que sustenta a família. (André, 22, Bangu)

O entrevistado ressalta o que a família espera dos homens, alguém forte, másculo e que provém a família, uma visão tradicional que assusta um pouco os entrevistados.

Tem muito mais gente que tem medo de se assumir, as famílias são mais tradicionais é onde tem mais histórico

de gente que sofreu violência, apanha, você tem que virar homem, num sei o que, é expulso de casa, força você a casar, ter relacionamento com mulher, acontece esse negocio, casa forçado, tem que fazer um filho, homem tem que ter filho que não sei o que, então isso é bem complicado(...) a sociedade é meio covarde, elas vão culpar os seus pais, seu filho é viado e a culpa é sua, não educou direito, não ensinou a ser homem, tem muito disso, eu acho que é muito importante você falar com seus pais abertamente e lógico né, eu tive esse apoio da minha família (Higor 25, Jardim América).

3.1.2. A família diante do assumir-se ou não gay: para quem?

O jovem homossexual se questiona acerca das reações que provocará em sua família ao assumir-se, estes questionamentos permeiam o imaginário do indivíduo que antecipa e teme essa reação, gerando uma ação de proteção em não assumir-se.

Quando eu cheguei no quatorze eu falei, eu realmente sou diferente do que a sociedade propõe, e assim, eu fiquei sem chão, como falar pra família, sendo uma família

completamente tradicional, com que eu me abro porque vão contar pra minha mãe, vai contar pro meu pai, e assim você se encontra num momento perdido. Eu tenho uma irmã por parte de pai, mas por parte de mãe eu sempre fui filho único, então você fica naquela questão assim: a quem contar?... família é muito extenso, família é dentro de casa e mais periferias que a gente fala, tio, tia, avó, e eu nunca falei pra minha avó na época que ela tava viva e nunca falei para minhas tias, eu falei pra minha mãe: Mãe, é isso, eu sou feliz dessa maneira, e eu não vou fazer vergonha, eu não vou me transvestir de mulher, eu não vou ficar trazendo umas amizades que a senhora não concorde pra dentro de casa mas eu quero ser feliz da maneira que eu sou de verdade. (Lucas, 24, Benfica).

Tentaram me agredir fisicamente porque eu estava com meu namorado então a partir daí toda minha família se envolveu e viu que realmente era isso, eu não me assumi como eu te falei, me assumiram, as próprias pessoas que estavam em volta que me assumiram (Marcelo, 21, Nova Iguaçu).

3.1.3. *A família como locus de acolhimento: o processo.*

Após assumirem-se, alguns entrevistados passam por diversos processos de “saídas do armário” como cita o participante Bruno “É, o negocio de você sair do armário é que você não sai do armário uma única vez, todas as pessoas novas que você conhece você sai do armário mais uma vez e num emprego novo você vai sair do armário de novo,” e esse processo é contínuo e demorado, em busca de aceitação como parte de um contexto social, a família acaba se tornando importante nesse processo, pois ao passar pelo processo de aceitação passa a servir de pilar para os próximos processos enfrentados pelo homossexual. Como o participante Bruno toca novamente na questão do apoio familiar.

É, com a família foi bem complicado. Quando eu tinha 14 anos, ou 13 não sei, eu tinha um tumblr e conheci um menino por esse tumblr e a gente trocava muito sms, a gente tinha muito carinho um pelo outro, sabe, não era uma coisa, eu não o namorava, ele era do Maranhão, a gente nunca se viu até hoje, mas a gente tinha um relacionamento mais afetivo né, homoafetivo e a minha mãe viu essas

mensagens e ela, ali foi meu momento de saída do armário com a família sabe, enfim, foi super problemático e tal. Hoje ela é bem mais tranquila, é progressiva essa aceitação. (Em segundo momento) Foi com meu tio, (a conversa) ele é psicólogo e o meu pai, meu padrasto na real, mas eu o chamo de pai, ele virou pra mim e falou assim, tem uma parte da família que eu ainda não sentei e falei eu sou gay, todo mundo sabe mas as pessoas costumam negar isso e pra esse tio, o meu pai virou e falou assim, é que seria um bom começo sabe, porque ele tem uma compreensão, ele terminou o pós doutorado em psicologia agora, então ele tem uma compreensão interessante disso e eu conversei bastante com ele e ele falou que assim, ele sentou comigo e falou: Cara, a sua família nunca vai te rejeitar, isso não é da gente, eu sei que tem gente que faz isso mas isso não é da gente, sabe a gente não vai te colocar pra fora de casa, não vamos parar de te chamar pra reuniões de família nem nada porque a gente quer que você seja confortável sendo quem você é com a gente. O entrevistado nos mostra o quanto necessário é essa aceitação da família. Ser aceito pela mesma é como tirar um peso de suas costas, uma

batalha a menos em sua luta diária.
(Bruno, 22 anos, Tijuca).

3.1.4. O lócus fantasmático:

O medo da negativa, da não aceitação vem também do território desconhecido, do receio em não contar por não saber o que esperar, porém ao assumir-se recebe-se uma reação menos excludente do que o esperado, ou então os episódios de conflitos passam a ser superados com o tempo e a aceitação.

Ah, ontem eu saí com meu namorado, foi muito bom e eu tenho uma ligação muito forte com minha avó e eu nunca comentei disso com ela sabe, até hoje eu não falei disso com ela, e assim eu queria poder compartilhar essa felicidade com a família também sabe e esse momento com meu tio foi, me deu mais uma segurança, foi recente, acho que tem um mês, me deu mais uma segurança pra eu poder tomar esses passos com o resto da família. A família que não é imediata. (Bruno, 22 anos, Tijuca).

Na minha família a gente normalmente a gente não fala muito sobre homossexualidade ou sobre essa parte da sexualidade que não seja normal pra eles. Porque a maioria é

cristã e tal, então pra eles é tudo anormal. O meu primo é homossexual assumido, do tipo que falam que é escandaloso. A minha família não quer um exemplo daquele, acha que você tem que ser mais comportado. Você tem que ser você, mas não precisa ser daquele jeito escandaloso (Roberto, 25, Jacarepaguá)

É perceptível, que a família exerce uma grande influência em relação ao ato de assumir-se tanto para si, quando para sua família e diante da sociedade em geral. A forma com que se percebem diante do meio familiar é refletida nas outras relações sociais a quais estão inseridos.

As normas impostas pela instituição familiar ditam a questão do estereótipo de um modelo de homossexual ideal a ser seguido, onde o padrão heteronormativo é mais aceito do que o padrão afeminado. Onde muitas vezes foi afirmado nas entrevistas, que para suas famílias tudo bem ser gay, porém não deveriam ser escandalosos.

4. A amizade/os amigos

A amizade se mostra como um pilar na auto-aceitação para os entrevistados, o apoio que alguns não encontram em casa, eles buscam em seus amigos. A confiança depositada nessas pessoas é muito grande e

muitos de nossos entrevistados ressaltaram a importância dessas pessoas em suas vidas.

4.1.1. Amigos: Um apoio que se faz necessário

A imagem dos amigos e do apoio recebido pelos homens entrevistados se fez presente em muitas das falas, por diversas vezes o apoio de amigos se apresentou como traço importante na auto-aceitação, desenvolvimento de confiança e segurança de assumir-se diante dos espaços sociais a qual os indivíduos estavam inseridos. Muitos dos entrevistados assumiram-se para seus amigos antes de assumir-se para a família, e alguns deles ainda são somente assumidos entre os amigos.

Eu me assumi diante do meu meio social e dos meus amigos só. Mas depois que eles descobriram, foi meio que “ufa, esses caras estão realmente comigo e são meus amigos mesmo” independente de sexualidade. (André, 22 anos, Bangu).

Mas meus amigos sempre me entenderam, sempre souberam, a maioria deles, a maioria que eu digo assim, que me conhece, que eu tenho proximidade, eles perceberam, alias eu não precisava falar, (...)

dificilmente eu tive alguma repressão de amigos por conta da minha sexualidade, (...) Com os amigos eu reparei que tive até mais proximidade, porque eu pude me sentir um pouco mais livre com eles, de conversar de dividir os meus problemas com os meus parceiros (Ricardo, 25, Marechal Hermes)

As duas falas demonstram o quão importante é o apoio dos amigos, ter figuras que possam compreender e principalmente aceitar sem julgamentos se mostra necessário nesse processo e ter esse apoio modifica a forma do homossexual se inserir em certos meios sociais.

4.1.2. Amigos: Agente identificador ou escolha por proximidade?

Para alguns entrevistados os amigos também aparecem como meio influenciador, por contar com pessoas da mesma orientação sexual, poder-se-ia pensar que esses meios teriam influencia na sexualidade do entrevistado, essa visão viria principalmente da família.

A quem contar? aos amigos? mas os amigos é a ultima pessoa que você conta porque todo mundo vai saber que é você pelas suas amizades que também são homossexuais (...) o que

eu faço dentro de casa é uma coisa, o que eu faço com meus amigos é uma coisa. (Lucas, 24, Benfica)

amizade enorme com heteros e que só ficava com garotas e chegou uma hora que eu falei assim: gente, esse não sou eu. (Marcelo, 21, Nova Iguaçu)

4.1.3. Amizade: Até que ponto o pertencimento de um grupo se faz benéfico?

Em outros casos os amigos, principalmente na infância/adolescência seriam um parâmetro de exclusão, de não identificação, uma vez que o homem gay não se identificava nem compartilhava certos interesses com o grupo a qual estava inserido. Gerando uma necessidade de adaptação, na tentativa de não destoar do grupo.

Para os participantes é de suma importância a presença dos amigos, não só no momento de assumir-se, como após, pois eles exercem grande fator de influência e acolhimento diante dos possíveis preconceitos. Muitas vezes trocando de lugar com a família, se tornado a base de apoio essencial para a estruturação da personalidade do homossexual assumido. Já que muitas vezes, eles só sentem seguros para assumir-se diante de seus amigos, ou eles primeiro se assumem nesse meio para então buscar o apoio familiar.

por exemplo, meus amigos sempre que eu vou pra casa dos meus amigos eu geralmente travo um pouco, não falo tanto, mesmo alguns deles já sabendo como eu sou, mas tem uma diferença e é grande. (Gustavo, 18 anos, Jacarepaguá).

A gente tem que ter uma postura pra se impor no trabalho, uma postura que nós temos que nos impor em casa, com a família, com os amigos (...) isso não sou eu, essa pessoa não sou eu, que tinha um ciclo de amizade enorme, de amigos héteros, que tinha um ciclo de

5. Religião

A religião se fez presente em alguns dos discursos dos participantes, aparecendo atrelada ao conceito de família e também como instituição mantenedora de regras éticas e morais. Podemos perceber nos discursos dos entrevistados que a religião, ou o fato da família fazer parte de alguma, causou medo e receio, uma vez que a homossexualidade não é aceita em determinados credos, até que ponto se pode fazer parte de algo que não é aceito?

Porque pesava um pouquinho o medo de assumir pra família, uma parte da religião também, porque tem aquele medo assim de Nossa, a igreja vai condenar a gente, excomungar, essa coisa toda, passa tudo isso pela nossa cabeça. (...) eu sou religioso também, mas, você pode tranquilamente separar uma coisa da outra. A minha religião não afeta desse jeito, então assim, hoje em dia eu sou super bem resolvido (Higor, 25, Jardim América)

A religião pode ser vista como intuição normatizadora, onde os dogmas são vistos pelo homossexual como um entrave para que ele se sinta confortável para assumir-se diante de sua família, uma vez que ela compartilha dos mesmos credos, porém esse medo é amenizado pelo fator sentimental familiar, que mesmo que sua orientação seja condenada no espaço religioso, a família ainda é capaz de aceitar e acolher e a religião de não excluir.

6. A cidade

A cidade e suas diferentes formas de atuar sobre o subjetivo das pessoas nos mostra uma nova faceta. A medida que a pesquisa foi se formando e as diversas perspectivas de cidade foram aparecendo, percebemos a relevância de falar sobre

como essas pessoas habitam a cidade e de que forma a cidade os atravessa.

6.1.1 – A cidade de extremos – uma mesma cidade, diferentes espaços.

É disseminado popularmente que a cidade do Rio de Janeiro é acolhedora, receptiva, alegre e descontraída. Essas são características que elevam cidade a certo *status quo*. Porém todo o Rio de Janeiro é assim? E se não, quais partes são? E as que não são, quais são suas características? Existiria um local mais receptivo ao público LGBTTT? Existiram outras cidades mais acolhedoras?

A zona sul foi massivamente citada pelos entrevistados como um local mais amigável, por conta de ter locais voltados ao público LGBTTT, por ter praia e muitos clubes frequentados por pessoas mais jovens. Seria também o fator de poder aquisitivo também um dos requisitos que favorecem essa maior aceitação?

Na zona oeste, na Barra, você não vai ser tão respeitado como você é em Bangu, porque lá na Barra a galera tem aquele lance bem heteronormativo, os clubes de lá tem essa pegada hetero, muito negocio vou pra balada de camisa pólo, lá tem uma galera um pouco intolerante. Porém se você está na zona sul, você é

tratado como qualquer outro. Depende muito, claro que as pessoas daqui tratam de uma forma melhor que em outros lugares, tipo se for do interior, mas dependendo do lugar no rio de janeiro é complicado. (André, 22, Bangu)

- Sim e não, (sobre concordar se a cidade era receptiva ao público LGBTQT) eu acho que em qualquer lugar se a pessoa disser só sim ou só não ela vai ta mentindo, porque em qualquer lugar existem as pessoas que são a favor e as pessoas que são contra. E eu acho que no Brasil, mas especificamente na nossa cidade é, pode ser em que alguns locais, Zona Sul por exemplo, praias, as pessoas são mais mente aberta, são mais viajadas digamos assim, que tenha um pensamento mais conhecido, mais avançado, entre aspas, mas eu não diria que é a cidade ao todo. Tanto é que a gente tem um candidato a prefeito que não apoia, ele é da igreja, vai ter os dogmas e as doutrinas dele e ele não é a favor e do outro lado também, temos o nosso entre aspas, defensor, então é por isso que eu digo sim e não ao mesmo tempo. (Gustavo, 18, Jacarepaguá)

Sim. Bastante até porque de certa forma a gente tem liberdade de andar, de se divertir. Aqui no Rio de Janeiro as coisas são mais liberais porque é uma cidade jovem, jovial então essas pessoas já tem a mente mais aberta a todos os tipos de coisa, então é bem mais fácil do que se fosse uma cidade do interior, uma cidade com cultura totalmente diferente da nossa, então aqui é bem mais fácil inserir no meio. (Roberto, 25, Jacarepaguá)

,- Então, acho que a gente tem que fragmentar isso por regiões, a Zona Sul se eu quiser pegar e andar de mãos dadas com um boy lá, tranquilo, agora se fosse na Zona Norte, o creio que o final não seria tão feliz, então aí tem essa diferença de espaços. (Tadeu, 24, Bonsucesso)

6.1.2 – A cidade maravilhosa seria uma utopia?

O Rio de Janeiro, aparentemente amigável ao público gay se mostra menos favorável quando comparado a outros locais. Muitos dos entrevistados quando questionados sobre esse assunto, aqueles que já tiveram oportunidade de estar em outros lugares do Brasil alegam que o Rio não é tão amigável assim.

Não. não é qualquer lugar em que você é aceito, um lugar que aceita muito mais que eu vi quando eu viajei, foi em São Paulo, você vê muito casal andando de mãos dadas, se beijando, não aquele beijo de novela das 9 mas assim, um estalinho e as pessoas, eu mesmo quando eu cheguei em São Paulo eu fiquei: Nossa que coisa estranha, porque não faz parte da nossa sociedade aqui no Rio De Janeiro, então eu acredito que se um homem andar de mãos dadas com outro feminino, é viadinho, se uma mulher andar abraçada com a outra, uns vai enxergar com grandes amigas e outros como sapatão. Então assim, eu acredito que o Rio De Janeiro não é evoluído nesse sentido, existe os espaços para serem feito isso, mas é que falar que o Rio de Janeiro é amigável com o homossexual sexual não. As pessoas tem uma cabeça assim mais aberta em algumas questões, mas na questão da sexualidade ainda eu acho que afeta muitos, não sei se por questões da nossa população pelo índice ser evangélicos, eu não sei o quê que é mas que a sociedade da gente é preconceituosa do Rio De Janeiro nesse aspecto sim. (Lucas, 24, Benfica)

- Concordo entre aspas porque assim (quando perguntado se o Rio era amigável ao publico LGBTT)tanto o Rio, como São Paulo, quanto Belo Horizonte, como Belém, todas essas cidades eu já fui, eu já visitei e viajo bastante e o que eu vejo em muitas delas, tanto o Rio quanto em qualquer outra cidade tem os seus lugares que é mais freqüentado por gays e tem os lugares que é mais freqüentado por heteros, mas isso também influencia das pessoas, do meio em que você tá, uma coisa que eu noto muita diferença é o seguinte: se você tiver com seu namorado, que foi uma coisa que já aconteceu comigo, se você estiver com seu namorado em um lugar de classe alta, você vai ser super respeitado, vai ficar tudo bem, você não sofre agressão, você não sofre nenhum tipo de preconceito, nenhum tipo de homofobia em si naquele casal, mas você indo pra parte, pra uma classe mais inferior, classes baixas, tanto como uma classe mais pobre, você freqüentar um tipo de lugar assim, você sofre preconceito sim, então eu acho que tanto o Rio como outras cidades também, o Rio em si, por exemplo, se você estiver no Rio com seu namorado em Copacabana, Leblon, sim corre o risco de acontecer alguma coisa mas é bem menor do que

como que você estivesse em algum outro lugar como se fosse Baixada esses outros lugares e afins. Eu acho que hoje em dia tudo tem um espaço sabe, tipo, todos os lugares têm o seu espaço, tudo tem um espaço LGBT, que o pessoal fica lá naquele local, então, tanto o Rio, São Paulo, Belém, Belo Horizonte pra mim é tudo a mesma coisa, dependendo da área que você tiver, sim, você sofre preconceito, dependendo de qual área, aí você também não sofre. (Marcelo, 21, Nova Iguaçu)

Eu acho que depende da região. Eu tive uma experiência a pouco tempo, fui a trabalho pra São Paulo e lá eu percebi que a receptividade para com o público LGBTT é maior, apesar de ter todas as notícias de violência, teve a reportagem do rapaz de levou um golpe com a lâmpada na avenida paulista, aquilo lá foi bem marcante, mas lá eu percebo que a receptividade é maior, aqui no rio depende da região, se for Barra, alguns pontos da zona sul, Copacabana e Ipanema, mas ainda assim a gente fica atento. Eu pelo menos fico. E eu acho que essa receptividade aumenta em época de parada gay e carnaval onde tudo é brincadeira (Ricardo, 25, Marechal Hermes).

Eu sou bem viajado na verdade, eu já morei em São Luiz, já morei em Fortaleza, morei em Brasília, São Paulo e minha mãe mora em Porto Alegre hoje. O Rio, não é que ele seja mais inclusivo, o fator do Rio é que ele tem uma diversidade muito grande, uma população muito grande LGBT então se torna uma, acho que tudo gira em torno do dinheiro, eu acho que o Rio teve essa concepção de que o público LGBT tem dinheiro, então tem dinheiro, a cidade vai investir naquele tipo de público pra que ele possa gastar o dinheiro dele na cidade, não é que ele é mais inclusivo por uma questão social, ele é mais inclusivo por uma questão financeira e de quantidade. Se aquele mercado, se aquele público vai dar dinheiro pra cidade, tá vendendo, então, por exemplo, eu tenho um restaurante, eu sei que um público muito grande vai vir pra esse restaurante se eu transformar esse restaurante em um restaurante gay, então eu faço isso pelo dinheiro e não por uma inclusão social. São Paulo eu já acho mais inclusiva do que o Rio, porque realmente ali é cultural ter bares e enfim, varias coisas que são voltadas pro público gay. (Tobias, 24, Cidade Alta)

A cidade é o ponto principal de nossa pesquisa, pois é a partir dela e dos espaços ocupados pelos indivíduos que eles se caracterizam e se identificam da forma que são, se apresentam socialmente e se percebem diante dela. Como se inserem, de que forma habitam e coabitam os espaços aos quais pertencem.

É perceptível a diferenciação entre os diferentes espaços citados, locais mais receptíveis ao público LGBTTT, onde eles se sentem incluídos e livres para serem como são de verdade e não a imagem do homossexual discreto e fora do meio, que muitos tem de mostrar em seu dia a dia. Em lugares com maior poder aquisitivo eles se sentem mais aceitos e menos temerosos. Em contra partida em bairros da zona norte, por exemplo, eles temem a represália e se retraem para não serem julgados.

Em relação a cidade do Rio de Janeiro quando comparada a outras cidades, acaba se mostrando não tão receptível assim para esse público, São Paulo foi citada varias vezes como uma cidade bem mais inclusiva e receptiva, onde nossos entrevistados se sentiram muito mais seguros ao andar pelas ruas do que se sentem em determinados locais do Rio, porém essa visão é somente compartilhada por aqueles que tem a experiência de transitar entre outras cidades. Aqueles que nunca saíram da

cidade do Rio de Janeiro, tem sim como verdade que a cidade é inclusiva.

7 – Estereótipos/Preconceito

7.1 – Estereótipos

Nessa categoria unificamos dois pontos que foram trazidos pelos participantes em quase todas as falas, sendo Estereótipos/Preconceito onde às estereotipias do ser gay, do ser homossexual, onde palavras, gestos, vestimentas, trejeitos acabam se tornando o ponto de diferenciação e identificação do homossexual. Sendo estes, muitas vezes permeado de preconceito que visam à exclusão desses indivíduos por não seguirem um padrão de normalidade imposto pela sociedade e o preconceito aparece de formas e em lugares diferentes, seja de uma forma mais sutil ou algo mais direto, os participantes percebem em algum momento um tratamento diferenciado por ser homossexual, seja no meio familiar ou meio social onde piadas, olhares tortos, agressões físicas e verbais são trazidas a tona.

Vale ressaltar que nesse tópico muitos trazem a adolescência como um momento onde permeia o preconceito, principalmente por ser um momento de descoberta e formação de grupos onde muitos não se encaixam por não se

identificarem pertencentes a nenhum grupo e também falam da importância de sempre estar atento as pessoas que o rodeiam e ambientes que frequentam para vir a evitar o preconceito.

7.1.1 – Desmistificando os estereótipos, o dito pelo não dito: A estereotipação do indivíduo homossexual

Alguns entrevistados focaram no quesito de muitos indivíduos possuem uma imagem estereotipada do que é ser homossexual, onde os entrevistados dizem:

... Antes você tem que ficar medindo suas palavras, você tem que medir seu comportamento, você tem que ver se o jeito como você fala não é caricato ou sei lá, diferente, o jeito como você se veste, o jeito como você anda. (Gustavo, 18, Jacarepaguá).

... Quando se é criança, por exemplo, você tem a idéia de que ser gay é na verdade ser travesti, você tem que virar mulher, tem que se vestir como mulher e não é nada disso (...) o pessoal tem essa idéia do gay ele tem que se assumido, tem que ser aquele super alegre, afeminado, brincalhão sempre, então na verdade é o que o estereótipo que a pessoa pensa do gay, às vezes fala assim: Ah fulano é gay,

você pensa que a pessoa tá sempre de bem com a vida, tá brincando sempre, você pega o gay como se fosse uma coisa diferente do que é ser humano, não tem aquelas emoções, ah, tem um momento que tá feliz, ah, num momento tá triste... (Higor, 25, Jardim América)

A fala acima evidencia como muitas vezes a visão do ser gay se torna deturpada para muitas vezes.

- quando você fala homossexual, aí você fala: Ou ele é cabeleireiro, ou ele trabalha com alguma questão de beleza ou ele é travesti ou ele é profissional do sexo, sempre em uma questão informal ou que você consiga trabalhar por conta própria..(Lucas, 24, Benfica)

... O meu primo é homossexual assumido, do tipo que falam que é escandaloso. A minha família não quer um exemplo daquele, acha que você tem que ser mais comportado. Você tem que ser você, mas não precisa ser daquele jeito escandaloso... (Roberto,25, Jacarepaguá)

Como vemos, Roberto nos traz como que é feita algumas diferenciação entre os próprios homossexuais que há

aquele que é assumido, o escandaloso, e também, o que é o reservado e de certa forma não envergonha a família.

E também temos a figura do menininho, onde o gay consegue passar despercebido em ambientes heteronormativos, por não aparentar ou possuir traços taxativos que englobam o homem homossexual.

... Eu sou homossexual, atualmente eu atendo, eu expresso fisicamente os padrões heteronormativos, eu me visto como menininho, enfim, segundo isso eu não sofro tanta rejeição socialmente (...) eu tô dentro daquele padrão de: ai seja gay, mas não seja tão feminino, é aquilo que as pessoas desejam, então eu geralmente atendo essa fala, esse discurso, então eu sou bem inserido nos outros contextos, então de certa forma eu não to pondo a minha cara no sol, enfim, é isso... (Tadeu, 24, Bonsucesso)

Nesse tópico podemos perceber que o assumir-se está relacionado com o medo de uma estereotipação. A forma como o outro identifica o homossexual muitas vezes é taxativa a partir de uma visão unilateral do que é ser gay. Muitas a imagem de homossexual que as pessoas têm é a da mídia, que é caricata e pode não

representar a realidade de todos os homossexuais.

7.2 – Preconceito

7.2.1 – *Preconceito: um medo do desconhecido?*

Higor retrata bem esse desconhecido, onde “..tem muita discriminação ainda, tem a não aceitação em casa, tem vários amigos hoje que foram expulsos de casa, não tem aceitação da própria família, imagine dos outros então com certeza isso pra mim é o maior desafio. E também a aceitação própria, muita gente luta contra isso: Não, não posso ser gay, não posso ser isso e é isso que acontece, a pessoa insiste nessa luta e acaba casando, tendo filhos no casamento, as separações, nossa e tem muito isso gente..” sendo difícil seguir um novo padrão, indo contra essa heteronormatividade imposta culturalmente.

7.2.2 – *A vigilância constante: o coexistir com o preconceito.*

Nesse quesito voltamos a apontar determinadas situações, que há no transitar na cidade sendo homossexual,

Se você estiver com seu namorado em um lugar de classe alta, você vai ser super respeitado, vai ficar tudo bem, você não sofre agressão, você não sofre nenhum tipo de preconceito, nenhum tipo de homofobia em si naquele casal, mas você indo pra parte, pra uma classe mais inferior, classes baixas, tanto como uma classe mais pobre, você frequentar um tipo de lugar assim, você sofre preconceito sim, então eu acho que tanto o Rio como outras cidades também, o Rio em si, por exemplo, se você estiver no Rio com seu namorado em Copacabana, Leblon, sim corre o risco de acontecer alguma coisa, mas é bem menor do que como que você estivesse em algum outro lugar como se fosse Baixada esses outros lugares e afins..(Marcelo,21,Nova Iguaçu)

Eu sou nordestino, eu sou negro, eu sou gay, eu sou favelado, então tem uma série de preconceitos que me rodeiam e que acontecem assim, através de olhares, eu já entrei em um processo no meu último trabalho pelo fator de discriminação racial e homossexual também, eu tive uma discussão e eu pedi pro cara baixar a voz e ele disse que não ia baixar a voz pra um preto viado e aí eu entrei com um processo, e isso é muito

interessante porque muitas pessoas não vão atrás, não correm atrás, por medo, por retaliação e tal, e eu acho fundamental as pessoas correrem atrás de seus direitos... (Tobias, 24, Cidade Alta)

... O mais complicado é você saber perceber a sua situação de perigo, entende, você saber perceber quem ta em sua volta sabe, você tem que se cercar de pessoas que vão te dar essa segurança, que vão te dar esse conforto porque é, tem muita gente que finge que aceita mas ainda tem muito preconceito internalizado, tem o estereótipo muito internalizado, então é uma desconstrução constante, acho que o maior desafio de ser homossexual é isso, você perceber quem realmente te aceita e quem é..(Bruno, 19, Tijuca)

Bruno com suas palavras consegue explicar esclarecidamente as dificuldades do confiar no outro diante de sua sexualidade já que muitos ainda temem o desconhecido. O preconceito muitas vezes está relacionado com essa caricatura da imagem do homossexual, onde esse desconhecido trás medo e afasta uma possível aproximação. Tanto do homossexual que evita situações, quando

do outro que já tem uma imagem pré-estabelecida e evita a aproximação.

8 – Machismo

O machismo foi identificado em várias falas, principalmente quando relacionado a dificuldade de ser homem na nossa sociedade atual. Muitos se deparam com o que é imposto pela cultura como o homem sendo o forte, o másculo, o provedor, a figura de poder o que acaba indo de encontro ao preconceito em relação ao homem homossexual já que também se permeia na cultura que esses indivíduos não se adequam nesses quesitos de ser homem por fugir daquilo instituído culturalmente e socialmente.

Vale ressaltar que muitas falas relacionadas ao machismo foram identificadas na pergunta que fazíamos: “*Na sua opinião quais são os desafios de ser um homem hoje?*” sendo que os próprios entrevistados se sentiam atravessados diante das suas vivências do ser homem hoje. Ou em contraponto não identificam o machismo, por alegarem que a sociedade é machista então por serem homens e por figurarem a figura heteronormativa não sofriam nesse quesito.

8.1.1 – Até que ponto nascer homem é um privilégio?

- Você estar inserido em uma sociedade que tem todo o conceito masculino pré definido e você não estar dentro desse conceito. O maior desafio é você romper com esses paradigmas sociais, com a visão de que o homem tem de ser sempre o provedor, o homem não pode chorar ou ser sentimental. Eu fui criado assim, nesse meio, de que o homem tem que ser macho e pronto e acabou.
(André 22, Bangu)

André tem essa visão de que é preciso ir contra e romper esse paradigmas do que o homem pode ou não fazer, ele teve essa vivência regularmente em casa do homem dito pleno pela sociedade e busca modificar esses pensamentos ortodoxos, porém, ele tem em mente que essa situação não mudará em um piscar de olhos, complementa:

Eles [A família] acham que o homem é o braço forte e a mão amiga que sustenta a família. Mas assim, é a real. Por mais fascista que possa soar, é a realidade deles e assim, não tem como eu chegar pra um cara que cresceu ouvindo que ele tinha q ser homem, pegar numa arma, que ele tinha que ser o militar fodão, o provedor do lar. Não tem como eu chegar pra ele e falar “olha só, não é

bem assim, eu posso sim gostar de um homem e o problema é meu” é um processo muito grande e as pessoas lá são muito preconceituosas.

Ser homem? tem muitos desafios que estão além da verdade da sexualidade, acho que tem desafio cultural, porque assim, dependendo da cultura em que está inserido, eles esperam uma coisa do que é ser homem..quando você faz 18 anos na nossa cultura já espera que você esteja trabalhando, ajudando em casa, tendo as suas responsabilidades, então eu acho que além do gênero ser homem tem esse negócio muito da cultura. (Higor, 25, Jardim América).

Um ponto importante que foi trazido por Lucas é o de deixar de ser você para se tornar o que a sociedade espera que você venha a ser podendo este ser um dos pontos que faz com que o preconceito contra o homossexual se torne tão gritante, por não seguirem aquilo que a sociedade espera.

- Na nossa sociedade eu percebo que ser homem é algo que tá pra além, porque tem aquela questão cultural: homem não pode chorar, homem não pode ser delicado, então cria-se um modelo de homem, um estereótipo que no meu ver não existe. Então, eu acho

que a dificuldade de ser homem é o que a sociedade ela impõe, então você deixa de ser você pra ser o que a sociedade quer na verdade. (Lucas, 24, Benfica)

Deparamos-nos com a dificuldade de ser o homem social.

- Acho que o maior desafio é ter que provar que é homem a todo momento, eu acho que é mais ou menos isso, ser forte, independente de ser homossexual, eu acho que o homem tem esse dever imposto pela sociedade de ter que ser forte. (Tobias, 24, Cidade Alta)

Novamente nos deparamos com a questão do homem forte, o provedor. Onde o homem cresce escutando essas sentenças, estando sempre em um ciclo sem fim, que dita como o homem de se portar. Como o homem deve ser para se tornar homem.

Tadeu trás um ponto importante de que não só as mulheres que se tornam vítimas de machismo, o homem também se encontra nessa questão, pois o homem precisa seguir um estereótipo pré-estabelecido do ser homem.

O peso do machismo sobre o homem, não necessariamente somente as mulheres sofrem com o machismo também o homem sofre ao passo de

que ele tem que ter determinada postura, ele tem que ser o pai de família, ele tem que ser o macho alfa, ele tem que, ou seja, ele não pode se desvincular dessa ideia de machismo tem com o modelo, se não ele é rechaçado.

A sociedade em que vivemos ainda é muito ortodoxa voltada para a exaltação do homem e a importância de seu papel nela. O homem é visto como uma figura de poder e força, onde deve sempre cuidar e prover, seguindo padrões estabelecidos do que é ser homem. O homossexual foge dessa caracterização por se visto como uma figura afeminada, frágil e não tendo a capacidade de exercer o papel de provedor.

E a sociedade machista impõe inconscientemente nas pessoas esses padrões que devem ser seguidos, causando uma exclusão do homossexual, por não seguir esse padrão que muitas vezes não é verbalizado, mas é percebido e imposto nas relações sociais que regem a nossa cultura machista.

9 – Gay/Homossexual

Os termos mais usados nas entrevistas e que aparece em vários momentos, principalmente na identificação e percepção dos entrevistados diante a nossa sociedade. As palavras que estavam

no discurso de todos os entrevistados, seja para se assumir como tal, com orgulho ou para falar do preconceito que permeia essa identificação com os termos gay/homossexual, e também para fugir da identificação, mostrando uma fuga do assumir-se como homossexual, como gay.

É importante salientar que alguns dos participantes não se sentiam confortáveis com a utilização do termo, seja de nossa parte ou por parte deles, nos mostrando a dificuldade de se aceitarem, de se assumirem como tal.

Nesse quesito também ressaltamos o famoso momento de saída do armário, seria este um momento real ou apenas mais uma gíria que englobam esses homens.

9.1.1 – Nascer ou tornar-se gay?

Não teve um único momento em que eu parei e disse assim: Nossa eu sou gay sabe, foi uma coisa que eu fui descobrindo aos poucos, eu fui reparando o que me atraía, o que não me atraía, o que me interessava, o que não me interessava. (Bruno, 19, Tijuca)

Eu sempre fui gay, mas durante a minha infância e minha adolescência eu fui lutando contra isso direto, porque pesava um pouquinho o medo

de assumir pra família, uma parte da religião também, porque tem aquele medo assim de Nossa, a igreja vai condenar a gente, excomungar, essa coisa toda, passa tudo isso pela nossa cabeça. (Higor, 25, Jardim América)

O entrevistado Lucas retrata a dificuldade de ser assumir como tal, mesmo tendo ciência de sua orientação sexual, entrando também em outras questões envolvendo a família e religião sendo estes grandes pólos de poder e dominação para o assumir/ser gay

Informa sobre a dificuldade de ser quem é em uma sociedade povoada de preconceitos. *“Eu não escolheria ser homossexual numa sociedade totalmente preconceituosa, mas eu fico nessa de manter a postura sempre.”*(Lucas, 24, Benfica)

Eu acho que ninguém vira gay, a gente já nasce, nós nascemos assim, só que dependendo da condição que a pessoa vive, ela não se descobre imediatamente, você vai se descobrir com o tempo e eu sempre fui gay. (Marcelo, 21, Nova Iguaçu)

9.1.2 – Seria a saída do armário libertador ou pejorativo?

Bruno traz a questão da saída do armário como sendo um momento constante, que ocorre para o outro e não para si, é uma nova saída do armário a cada nova relação social, e uma situação, pode se dizer diária:

Pra mim mesmo nunca teve um momento que eu tive que sair do armário pra mim sabe. É, o negocio de você sair do armário é que você não sai do armário uma única vez, todas as pessoas novas que você conhece você sai do armário mais uma vez e num emprego novo você vai sair do armário de novo, então é meio que um pouco extenuante, então eu nunca quis me preocupar com isso de ter que assumir, sentar e falar eu sou gay, eu simplesmente sou, e as pessoas costumam perceber ou se não, uma hora elas percebem né.

E também fala de como a percepção de si é importante na forma como o outro vai se portar:

Essa naturalidade em ser quem eu sou e isso não tem muito a ver com a orientação sexual mais é uma coisa que mudou bastante a minha personalidade. Eu fui percebendo ao longo do tempo como a felicidade, a simpatia ela é contagiante (...)eu sempre tento mudar através disso,

mudar através de sorriso, através do humor, através desse brilho. E eu só consigo isso, sendo confortável com quem eu sou, sendo confortável pra ser quem eu sou, pra agir do jeito que eu quiser, pra ter as reações que eu quiser, então é, eu tento me perceber, ou melhor, eu não tento me perceber, eu tento ser, naturalmente, e tentar mudar qualquer coisa que me incomode, ou que eu ache que esteja errado desse jeito, desconstruindo através desse sorriso, através dessa simpatia, mostrando que é algo natural e que não é algo necessariamente ruim, é simplesmente natural, não tem porque, e aquilo não define ninguém, não define caráter, não define nada, só define quem a pessoa, sei lá, se atrai e vai passar o resto da vida se quiser. É muito pouco do que o ser humano é.

Eu acho que eu faço isso todo dia, porque não é simplesmente: Ah, ok sou gay hoje, tipo, acordei sou gay. Eu acho que você tem que fazer essa descoberta todo dia pra sempre que você for encontrar uma pessoa, você vai ter que sair do armário de novo. (Gustavo, 18, Jacarepaguá)

Na verdade o ser gay é exatamente só a orientação sexual que é diferente, é

você gostar de outro homem e você continua sendo homem, se vestindo como homem e tal, mas a minha etapa de sair do armário foi muito difícil, foi bem conflitante, foi assim bem na adolescência que eu me percebi, nossa foi muito difícil, é aquela pessoa que se distancia dos outros e tal, fica lá criando vários demônios na cabeça, foi bem difícil, hoje é dia tá bem tranqüilo mas na época.. (Higor, 25, Jardim América)

Mesmo vivendo momentos conflituosos no período de se assumir como tal, Higor encoraja outros a se assumirem tendo ciência de que esse é um processo lento mas importante para viver bem com que você realmente é:

É muito difícil essa parte de se assumir, porque você primeiro tem que se assumir pra si mesmo, e pra mim foi muito difícil, porque como eu falei, eu não tive referência nenhuma. Eu sempre fui sozinho, dá muito medo, depois que você começa a se aceitar, aí fica mais tranqüilo, mas mesmo assim, você ainda tem medo, porque assim você sabe o que é ser gay, você tem já a idéia toda, mas seus familiares não sabem, você tem que chegar, explicar, é muito difícil. Eu senti bastante dificuldade, senti muita

mesmo, não é fácil, mas encorajo o pessoal a fazer.

Mesmo retratando esse viés da escolha (tópico acima) ele se sente bem com sua orientação sexual, porém, nos trás a curiosidade das pessoas quanto a sua vida privada:

Sim, agora eu sou natural, eu ligo a tecla do pii e eu vou, eu não to com o que os outros estão pensando, mas assim, você percebe no trabalho, agora que eu mudei de unidade após um tempo, você percebe: L é casado? usa aliança, ele é homossexual, mas tem esse jeito tão carinhoso, essa coisa, essa meiguice e as pessoas ficam na curiosidade. (Lucas, 24, Benfica)

Defendo completamente a saída do armário, a saída do armário ela viva até hoje (Risos). Bom, como que eu posso definir, pelo menos no meu caso, essa minha saída do armário, mesmo eu tendo ficado com garotas eu sempre sabia que eu gostava de homens, (...)eu tinha uns 16 para 17 anos que eu falei assim: chega, falei: hoje eu vou sair do armário, eu vou sair e vou ficar com quem eu quiser, eu vou sair, eu gosto de homem (...) se o garoto me despertasse interesse eu ficava com ele, mas claro, ficava e

voltava pra casa, começava a chorar, ficava mal e tal, até que chegou um dia, quando eu fiz 17 pra 18 né, que eu arrumei meu trabalho, comecei a ser independente financeiramente, eu falei assim: foda-se, agora eu vou pegar quem eu quiser, vou ficar com quem eu quiser e é isso aí e essa foi a minha saída do armário, foi por volta disso daí, de uns 17 pra 18 anos que eu fiz isso de sair do armário(...)eu assumi minha postura e falei: não, agora eu aceito que sou gay, falei: agora, eu aceito que sou gay, então eu tenho que saber que sou gay, gosto de ficar com homem e que independente do que os outros falar ou que os outros deixar de falar, é isso, é minha condição e eu to imposto a isso e eu tenho que viver, não vou continuar na vida que eu tava antes, infeliz. (Marcelo, 21, Nova Iguaçu)

Marcelo nos traz a saída do armário como momento de certeza da sua sexualidade, da sua libertação em busca da sua plenitude.

(teve dificuldades frente às palavras gay/homossexual, por não ser assumido acabou não se enquadrando no termo, tanto que respondeu para nós que) pra mim ela (orientação sexual) é bem indefinida. Eu não tenho

bem uma definição para falar, eu sou isso ou sou aquilo. Eu sou o que estiver afim no momento. A gente age da forma do ambiente, eu pelo menos sou assim. Então a minha liberdade é de ser quem eu quero ser a hora que eu quiser, então não tem esse negocio, qualquer ambiente que eu esteja, eu estou bem inserido porque eu estou com quem eu gosto. (Roberto, 25, Jacarepaguá)

O termo sair do armário, é uma questão... bom, isso entra num ponto mais assim, complexo, porque o termo sair do armário eu acho um pouco pejorativo quando a pessoa se julga ou é julgada, especialmente no seio familiar, por exemplo: a questão do ter que se assumir, ter que se mostrar homossexual, parece que é uma questão de afirmação. Ou seja, a pessoa que tem essa característica ter que mostrar ao mundo ou a sua família, por conta de vários tipos de pressões sociais que ela sofre quem ela é. Mostrar ao mundo se ela gosta de homem ou se ela gosta de mulher, se ela é hétero, se ela é homo, se ela bi, tri, poli, enfim... ou seja, ter que provar ao mundo algo que não é problema de ninguém. (Ricardo, 25, Marechal Hermes)

Para Ricardo o termo sair do armário torna-se pejorativo pois entra no quesito de ter que se assumir, ter que se afirmar para o outro enquanto homossexual.

Cada indivíduo tem sua forma de se perceber como gay em sua essência, não existe um padrão normativo, mesmo quando existem similaridades esta bem claro que cada um possui sua particularidade adquirida por atravessamentos constantes em suas relações.

Percebemos essas diferenças, por exemplo, diante do termo “saída do armário” onde para uns, esse é um momento extremamente importante, significando um rompimento com suas duvidas e receios e para outros é só mais uma afirmação do que é ser gay para o outro e não para si.

Considerações Finais

É notável que esse assunto ainda precisa ser muito discutido, pois esse campo é muito marginalizado, esses indivíduos ainda são vistos como algo a parte da sociedade por não seguirem os padrões impostos pela mesma.

A forma com que esses indivíduos se expressam e habitam os espaços da cidade está diretamente relacionada a essa marginalização. Uma vez que a sociedade

que desconhece quem eles realmente são e se baseiam em estereótipos, muitas vezes o homossexual tem que se adaptar e maquiagem sua identidade para ser minimamente aceito. Pois ser homossexual foge de uma realidade conhecida e tida como certa em nossa sociedade.

Existem é claro, ambientes onde essas pessoas se sentem mais confortáveis, principalmente em locais voltados ao público LGBTT onde a imagem do que é ser homossexual é entendida como algo comum e não causa estranhamento por já

conhecerem e entenderem o que é realmente ser um homossexual.

Todas as pessoas possuem diferentes percepções de mundo, uma vez que cada um está inserido de forma diferente em um meio social e suas particularidades são o que os diferem um dos outros, a homossexualidade nada mais é do que uma dessas particularidades e não deveria ser vista como um todo sendo que ela é somente uma parte daquilo que o indivíduo é em sua totalidade.

Referências

- Cervený, C. M. de O. & Berthoud, C. M. E. (Eds.). (2009). *Família e ciclo vital: Nossa realidade em pesquisa* (2. ed.). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Conselho Federal de Psicologia – CFP (1999). Disponível em <http://site.cfp.org.br/nota-do-conselho-nacional-lgbt/>. Acesso 06 nov. 2015
- Crano, S. L., & Crano, W. D. (1984). Development of Portuguese and Spanish a Language Measures of Self-Concept, *Revista Interamericana de Psicologia*, 18 (1 e 2), 1-19.
- Dover, K.J. (1994). *A homossexualidade na Grécia antiga*. São Paulo. Editora Nova Alexandria.
- Foucault, M. (1984). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola.
- Freud, S (1976). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII. (Original publicado em 1920).
- Godoy, A. S. (1995a). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: *Revista de Administração de Empresas*, v. 35(2), 57-63.
- Godoy, A. S. (1995b). Pesquisa qualitativa – tipos fundamentais, In: *Revista de*

Administração de Empresas, 35 (3), 20-29.

Goñi, E. & Fernández, A. (2009). El autoconcepto. In: Grand montagne, A. G. (Coord.). *El autoconcepto físico*. Madrid: Ediciones Pirámide, 2009.

Green, J. N. (2000). Mais amor e mais tesão: A construção de um movimento de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu*, Campinas, 15.

Minayo, M. C. S. (2010). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO.

Shavelson, R. J.; Hubner, J. J., & Stanton, J. C. (1976) - self-concept: Validation of construct interpretations, *Review of Educational Research*, 46, 407-441. doi.10.3102/00346543046003407.

Silva, M. M. L., Frutuozo, J. J. F, Feijó, M. R., Valério, N. I. & Chaves, U. H. (2015). Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, 23 (3), 677-692. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300012&lng=pt&nrm=iso. acessos em 22 nov. 2016. doi.10.9788/TP2015.3-12.

As autoras:

Ariadne Nascimento é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Augusto Motta – UNISUAM, e. mail: ariadne90210@hotmail.com

Bárbara Bianchini é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Augusto Motta – UNISUAM, e. mail: barbarabianchini29@hotmail.com

Rita Flores Müller é Pós-doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. Atualmente é professora da UNISUAM, e. mail: ritafloresmuller@gmail.com

Recebido em: 23/11/2016

Aprovado em: 23/12/2016